

# **A Dialética do Esclarecimento faz 70 Anos: entrevista com Rodrigo Duarte**

---

*Dialectic of Enlightenment at seventy: interview with Rodrigo Duarte*

**Vitor Ceil<sup>1</sup>**

**Resumo:** O principal objetivo desta entrevista com o Professor Rodrigo Duarte é compartilhar com os leitores da revista *Opinião Filosófica* uma importante efeméride da filosofia mundial: os setenta anos da *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, escrita na Califórnia em 1944, mas publicada em 1947 pela Editora Querido, de Amsterdam. Ainda que sete décadas tenham se passado, trazendo a emergência de novos tipos de vida social, o aparecimento de novos traços formais na vida cultural e a consolidação de uma nova ordem econômica mundial, a obra permanece atual. Duarte, pesquisador da obra de Adorno, mostra que os conceitos do filósofo alemão são instrumentos epistemológicos com os quais podemos fundamentar uma crítica da cultura contemporânea.

**Palavras-chave:** Estética. Dialética do Esclarecimento. Teoria Crítica.

**Abstract:** The main objective of this interview with Professor Rodrigo Duarte is to share with the readers of the journal *Opinião Filosófica* an important date: the seventieth anniversary of Horkheimer and Adorno's *Dialectic of Enlightenment*, written in California in 1944, but published in 1947 by Querido Verlag in Amsterdam. Although almost seven decades have passed since the publication, bringing the emergence of new types of social life, new formal features in cultural life and the consolidation of a new world economic order still remain highly topical. Duarte, an Adorno scholar from Brazil, shows that the concepts of the German philosopher are a valid source of knowledge in order to substantiate a critique of the contemporary culture.

**Keywords:** Aesthetics. Dialectic of Enlightenment. Critical Theory.

Rodrigo Antonio de Paiva Duarte é professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Possui graduação e mestrado em Filosofia pela UFMG, com doutorado em Filosofia pela Universität Kassel. Realizou estágios de pós-doutoramento nas seguintes universidades: University of

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Rondônia. Líder do GEEFIL – Grupo de Pesquisa Ética, Estética e Filosofia da Literatura (UNIR/CNPq).

California at Berkeley, Bauhaus-Universität Weimar e Hochschule Mannheim.

Em sua trajetória, além das atividades de ensino, pesquisa e extensão, Rodrigo Duarte tem colaborado significativamente em vários órgãos: foi presidente da Associação Brasileira de Estética (ABRE) entre maio de 2006 e outubro de 2014; coordenador adjunto do Comitê de Filosofia da CAPES, de 2000 a 2005; membro do CA-Filosofia do CNPQ de 2010 a 2013 (tendo sido coordenador do comitê nos últimos seis meses do seu mandato); Pró-Reitor de Pós-Graduação da UFMG de março de 2014 a fevereiro de 2016.

Considerado uma das vozes mais marcantes da Estética no Brasil, ele desenvolve pesquisas com ênfase em autonomia da arte, arte contemporânea e arte de massa. Também é um dos principais estudiosos brasileiros de Theodor Adorno e Vilém Flusser, tendo publicado diversos livros sobre esses autores e temas.

Dentre suas publicações, no Brasil e no exterior, destacam-se os livros *Varia Aesthetica: ensaios sobre arte e sociedade* (2014), *Pós-história de Vilém Flusser: gênese-anatomia-desdobramentos* (2012), *Indústria cultural: uma introdução* (2010), *Deplatzierungen. Aufsätze zur Ästhetik und kritischer Theorie* (2009), *Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão* (2008), *Teoria Crítica da Indústria Cultural* (2003), *Adorno/Horkheimer & a Dialética do Esclarecimento* (2002), *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano* (1997), dentre outros. Também merece menção a organização do livro *O belo autônomo: textos clássicos de estética* (2ª ed. 2012, 1ª ed. 1997).

Em entrevista exclusiva que nos foi concedida em abril de 2017, Rodrigo Duarte avalia a atualidade da obra *Dialética do Esclarecimento* para o debate filosófico contemporâneo; questiona a possibilidade de se formar uma “tradição” filosófica genuinamente brasileira, mas constata a formação de uma língua filosófica nacional; comenta sobre a atual ameaça neofascista no Brasil e no mundo; explica quais são os critérios estéticos para distinguir uma autêntica obra de arte de um produto da indústria

cultural; por fim, relaciona a teoria das imagens técnicas de Vilém Flusser com o conceito adorniano de indústria cultural.

### **Qual é o principal legado deixado pela *Dialética do Esclarecimento* para os nossos dias?**

Antes de tudo, eu gostaria de cumprimentá-los pela iniciativa de celebrar os setenta anos de publicação da *Dialética do esclarecimento*, que é, certamente, uma das obras mais importantes e influentes da filosofia no século XX. Para nós, vivendo agora em pleno século XXI, a obra permanece atualíssima, por razões que não são exatamente para serem comemoradas. Isso porque, como se sabe, o motivo central da *Dialética do esclarecimento* é a abordagem filosófica do fato de que o conhecimento sobre o mundo, que deveria auxiliar a humanidade a se libertar da submissão às forças da natureza e – especialmente – do medo que sua ameaça nela despertava, quando atingiu o seu estágio mais evoluído, ocasionou o jugo não mais à natureza externa, mas a um tipo de sociabilidade cujo comportamento alienado se assemelha ao das potências naturais no seu estado mais desenfreado e ameaçador. Em suma, um possível método para a superação da fragilidade humana (e de suas consequências afetivas) se desencaminhou para a consolidação de uma barbárie nunca vista antes, exatamente porque garantida pela existência de meios tecnológicos muito poderosos. Desse modo, só para falar de dois assuntos que se encontram em destaque na referida obra, tanto a indústria cultural quanto o antissemitismo podem ser vistos como expressões acabadas da barbárie tecnologicamente mediada, a qual se mencionou acima.

No que tange à indústria cultural, ela se consolidou na virada do século XIX para o XX enquanto apropriação dos então novos recursos de registro e difusão de som e imagem (tais como o rádio, o cinematógrafo, o fonógrafo) pelo grande capital, no sentido tanto de explorar uma nova demanda por entretenimento nas crescentes aglomerações urbanas da época, enquanto lucrativo ramo de negócios, quanto de gerar conformidade ético-política ao capitalismo monopolista que se estabelecia no período,

o qual gera grande instabilidade social devido à falta de segurança para a força de trabalho e ao desemprego propriamente dito. Assim, sob a aparência de glamour dos astros e estrelas de Hollywood, o que havia (e há) era (e é) uma indústria de cooptação de consciências, com dimensões antes inimaginadas.

No que diz respeito ao antissemitismo, vale lembrar que a motivação de Adorno & Horkheimer eram as notícias que chegavam ao seu exílio californiano sobre os campos nazistas de extermínio, tais como Auschwitz, Buchenwald, Treblinka, etc. A profunda reflexão filosófica por eles levada a cabo, para a qual contribuem, além de Hegel e Marx, também Kant e Freud, indica os traços psíquicos do antissemita como absolutamente doentios, ressaltando que em que qualquer processo discriminatório (racista, misógino, homofóbico) o problema se encontra em quem discrimina e não em quem é discriminado. Nesse sentido, o antissemita é definido como alguém com uma enorme distorção de caráter, no bojo do que em formulações posteriores de Adorno ficou conhecido como “personalidade autoritária”. Dito isso, vale lembrar que, infelizmente, os males denunciados na *Dialética do esclarecimento* não apenas ainda se encontram presentes entre nós, em escala mundial, mas talvez não fosse exagerado afirmar que até mesmo, em certo sentido, se agudizaram, ainda que sob a aparência enganadora de um aprimoramento da democracia. A sofisticação da maquinaria bélica, capaz de assassinar milhares de pessoas em poucos segundos, e o desenvolvimento de meios tecnológicos de registro e difusão audiovisual que tendencialmente criam uma realidade totalmente virtual, na qual as coisas são mostradas de um jeito que só interessa aos poderosos, são indícios disso. Fenômenos como as guerras intermináveis no Oriente Médio e em outras partes do mundo são exemplos do primeiro caso; fatos no Brasil e no mundo, que comentarei adiante, exemplificam o segundo aspecto.

**Historicamente, a Filosofia no Brasil costuma seguir padrões e métodos ditados pelos centros intelectuais, como Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos. No entanto, há vários anos assistimos no Brasil à discussão em torno do problema de uma filosofia nacional, à**

**necessidade de afirmação de uma linguagem nacional no âmbito da filosofia, que nos permita falar em uma filosofia brasileira do mesmo modo que falamos em uma filosofia francesa, em uma filosofia alemã ou inglesa. Até que ponto a Teoria Crítica da Sociedade pode nos ajudar a pensar a realidade brasileira, especialmente na conjuntura política atual?**

Considero totalmente verdadeira a afirmação de que – desde os tempos coloniais – a filosofia no Brasil tem seguido padrões adotados nos centros que possuem tradições filosóficas próprias, tais como os que você mencionou. É verdade também que há décadas se discute entre nós o tema sobre o que seria uma filosofia genuinamente brasileira. Antes de eu tentar responder à questão, que tem vários desdobramentos, acho necessário fazer uma diferenciação importante: uma coisa é ter uma tradição filosófica própria, tais como as mencionadas francesa, alemã, inglesa ou estadunidense (às quais se poderia, talvez, acrescentar a italiana e a ibérica). Outra coisa é um país já ter desenvolvido uma língua filosófica própria, por meio da qual não apenas os textos clássicos da tradição já tenham sido traduzidos, mas também exista já um vocabulário que permita tanto interlocuções com pares estrangeiros quanto discussões “internas” sobre a sociedade e a cultura próprias do referido país. Essa diferença remete, diga-se de passagem, à constatação de que existe um número muito maior de países onde se faz ótima filosofia do que o das poucas tradições filosóficas, como as supramencionadas. Na esteira desse fato, pode-se constatar igualmente que, talvez já tenhamos superado a época em que era possível se formar uma tradição filosófica “nacional”, tal como essas que ainda subsistem hoje e que demoraram séculos para se formar. Dito isso, me parece equivocado supor que algum dia teremos uma “tradição” filosófica genuinamente brasileira, sendo que, no que tange à formação de uma *língua filosófica brasileira*, demos passos enormes nas últimas três ou quatro décadas, a ponto de o Brasil poder ser incluído no grupo de países onde se faz filosofia de alto nível, no sentido de termos expertises consolidadas em todas as disciplinas filosóficas. No entanto, falta ainda ao fazer filosófico brasileiro,

com raras exceções, uma atenção maior aos grandes temas nacionais, sendo que a possibilidade de isso acontecer varia muito com as peculiaridades dos diversos conteúdos filosóficos – é muito difícil na lógica, sendo mais possível na filosofia política, na filosofia da cultura e mesmo na estética, por exemplo. Com isso, podemos finalmente abordar o tópico relativo à Teoria Crítica da Sociedade: um de seus pilares é exatamente a historicidade dos conceitos, de modo que seria absurdo cultivar uma corrente filosófica como essa no Brasil, sem se preocupar com a sua aplicabilidade ao contexto do país. No meu entender, especialmente no que concerne aos assuntos ligados à cultura, o Brasil tem tudo para ser um solo privilegiado para o florescimento da Teoria Crítica: temos uma das culturas populares mais vigorosas ainda existentes no mundo, assim como uma indústria cultural com alguns setores altamente desenvolvidos e ainda certos âmbitos de cultura erudita que atingiram grande maturidade criativa, como a literatura, as artes plásticas e a música. Tudo isso faz do Brasil um campo fértil para abordagens ricas e originais a partir da Teoria Crítica. Algo já começou a ser feito, mas ainda há muito por fazer e esse é um campo aberto para uma pesquisa filosófica de altíssimo nível.

**Em “Elementos do Antissemitismo”, Adorno e Horkheimer buscam explicar a lógica de um dos pilares da ideologia nazista, revelando como funciona a exteriorização de sentimentos hostis contra minorias étnicas, religiosas e outras. Nos últimos anos nós temos presenciado múltiplos índices da recaída da cultura na barbárie. Na União Europeia e nos Estados Unidos, políticos neofascistas com discursos nacionalistas, populistas, islamofóbicos e xenofóbicos têm ganhado espaço. Em nosso país, parlamentares e cidadãos pedem a volta da ditadura militar e hostilizam as minorias. As correntes reacionárias e aventureiras que se mostram no horizonte político atual constituem uma ameaça concreta?**

Não tenhamos dúvida que a ameaça neofascista tanto mundo afora quanto aqui no Brasil é muito concreta. Em nosso país, certa histeria de classe média aliada a ressentimentos de diversas ordens serviu de base para a manipulação pelos meios de

comunicação com uma intensidade nunca antes vista – aquilo que tem sido chamado de “jornalismo de guerra” –, com o objetivo de derrubar um governo democraticamente eleito, o que, infelizmente, acabou acontecendo. E, nessa “guerra”, o inimigo se constitui não apenas de pessoas esclarecidas e generosas, mas o próprio povo brasileiro em geral, que assiste agora – atônito – à maior retirada de direitos civis e trabalhistas da história do país. Um elemento claramente fascista dessa classe média histórica é a sua hostilidade aberta contra os que apoiaram (e ainda apoiam) um projeto de país que, mesmo com problemas, parecia pôr o Brasil nos trilhos da civilização. O golpe mediático-parlamentar-judiciário-empresarial, de 2016, que tal classe média apoiou e até exigiu, lançou o país numa situação de indescritível barbárie. E, de fato, em todo mundo, pode-se constatar não apenas um avanço da direita neoliberal como a sua coligação – mais ou menos intensa, dependendo do país – com os chauvinismos mais imbecis: o *Brexit* na Grã-Bretanha e a eleição de Donald Trump nos EUA, assim como a ameaça de vitórias eleitorais de neofascistas em países como a Holanda, França e Alemanha, são um claro indício desse fato.

**Nas últimas décadas as mercadorias da indústria cultural tem se tornado mais sofisticadas, enquanto muitos artistas passaram a dialogar com a produção mercantil. Quais seriam os critérios estéticos para distinguir uma autêntica obra de arte de um produto da indústria cultural?**

É fato que as mercadorias culturais se sofisticaram nos últimos tempos, no sentido de, por um lado, terem tornado suas mensagens subliminares mais sutis e, por outro, incorporar competentemente todos os avanços tecnológicos associados à digitalização dos *media* e à telemática com o objetivo de seduzir de modo cada vez mais inelutável as massas sedentas de entretenimento e de distração das agruras do cotidiano. É verdade também que parte importante dos artistas entendeu que não deveria simplesmente ignorar a existência da indústria cultural e persistir no seu artesanato – muitas vezes pleno de

virtuosismos –, sendo que o resultado disso é a incorporação crítica, pela arte autêntica, de elementos presentes nos produtos da indústria cultural. Sobre isso, Adorno admitiu que, para além da ameaça que essa indústria representa para a verdadeira arte, há a possibilidade de que ela se submeta voluntariamente a um processo de *desartifização*, como uma espécie de “vacina” contra a referida ameaça. Mas, ainda que haja, hoje, construtos que aparentam se encontrar exatamente *entre* obras de arte propriamente ditas e mercadorias culturais, na imensa maioria dos casos, é possível ver claramente que eles pendem mais para um lado do que para outro. A esse respeito, vale a pena lembrar a passagem do genial texto de Adorno, que entre nós foi traduzido apenas como “Indústria cultural”, na qual ele diferencia, de uma vez por todas, obras de arte das mercadorias culturais: enquanto aquelas encerram as contradições da sociedade onde florescem, sendo, por outro lado, expressões autênticas de desejos de emancipação humana, essas são confeccionadas sob medida para manipular as pessoas e conferir lucros aos seus produtores: “As produções do espírito no estilo da indústria cultural não são mais *também* mercadorias, mas o são integralmente” (ADORNO, 1977, p. 289).

**Dentre os principais autores com os quais você trabalha, além de Theodor Adorno encontramos Vilém Flusser, que se tornou mundialmente conhecido pela sua teoria dos novos media. O seu projeto de pesquisa mais recente tem como objetivo geral investigar os pontos de contato e de divergência entre os dois pensadores, especialmente no que tange à crítica da cultura de massas. De que modo a teoria das imagens técnicas do filósofo tcheco-brasileiro contribui para repensar o conceito adorniano de indústria cultural?**

Vilém Flusser, que nos seus mais de trinta anos de residência no Brasil foi frequentemente hostilizado por filósofos “acadêmicos”, como sendo, por um lado, diletante, e, por outro, ideologicamente suspeito, depois que se estabeleceu no sul da França, a partir de 1972, se tornou uma das maiores referências na abordagem filosófica dos novos media, tendo sido



considerado não apenas seu “guru”, mas também o seu profeta. Isso porque, quando Flusser morreu, em 1991, o processo de digitalização, que parece ter atingido agora o seu ápice, estava apenas começando e ele chegou a prever dispositivos como as atuais – e muito populares – redes sociais.

Nesse sentido, há uma leitura possível de sua obra que aponta para uma pura e simples fascinação com os novos recursos proporcionados pela tecnologia – leitura essa que encontra atualmente muita ressonância em meios acadêmicos pouco críticos e até reacionários. No entanto, eu, pessoalmente, sempre li Flusser na chave de um filósofo crítico, ainda que os seus pontos de partida filosóficos tenham sido parcialmente muito diferentes daqueles dos principais expoentes da Teoria Crítica da Sociedade.

Tomemos, por exemplo, o conceito de “pós-história”, que tem sua origem mais remota na interpretação da *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, feita por Alexandre Kojève, a qual serviu de base para o famigerado ensaio de Francis Fukuyama, “Fim da história?”, que foi usado como justificativa teórica para a pax americana após a queda do muro de Berlim. No pensamento de Flusser, esse conceito só tem mesmo em comum com tais posições reacionárias sua denominação. Para o filósofo tcheco-brasileiro, “pós-história” é simplesmente a situação do mundo, na qual predominam as imagens técnicas, que são superfícies portadoras de mensagens que, diferentemente das imagens convencionais, não são produzidas pela mão humana, mas por aparelhos. Nesse sentido, é interessante lembrar que, para Flusser, a escrita – inventada no Oriente Médio cerca de três mil anos antes de Cristo – é um tipo de código linear que inaugurou a história propriamente dita, na medida em que pôs em cheque a predominância das imagens convencionais – códigos bidimensionais que definiam a pré-história humana. O ponto de vista sobre o domínio das imagens técnicas na pós-história, enquanto produto de aparelhos que transformam as pessoas em seus “funcionários” gera, automaticamente, no pensamento de Flusser, um ponto de vista altamente crítico aos sistemas contemporâneos de comunicação tecnologicamente mediada, que

não apenas é compatível com a crítica de Adorno à indústria cultural, mas também pode ser visto como sua continuação, já que incorpora a abordagem de recursos tecnológicos que sequer poderiam ter sido imaginados no período em que o filósofo de Frankfurt viveu e produziu, tais como os sistemas analógicos de vídeo e, mais recentemente, os recursos digitais de registro e difusão audiovisual, a Internet etc.

Exatamente por isso, tenho me dedicado à pesquisa sobre uma possível aproximação entre os pensamentos desses dois autores, no tocante às suas críticas aos sistemas de comunicação de massa. Vale lembrar que há registros de que ambos chegaram a se encontrar (e dialogar) pelo menos uma vez, em Frankfurt, no ano de 1966, na ocasião em que Flusser fazia uma turnê de palestras pela Europa. Confesso que frequentemente me pego imaginando como terá sido a tal discussão entre Adorno e Flusser, o que serve de grande estímulo ao meu atual projeto de pesquisa.

## Referências

- ADORNO, Theodor. Indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- DUARTE, Rodrigo (Org.). *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, Crisálida, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- DUARTE, Rodrigo. *Varia aesthetica: ensaios sobre arte e sociedade*. 1. ed. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Pós-história de Vilém Flusser: gênese-anatomia-desdobramentos*. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Indústria cultural: uma introdução*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

\_\_\_\_\_. *Deplatzierungen. Aufsätze zur Ästhetik und kritischer Theorie.* Weimar: Max Stein Verlag, 2009.

\_\_\_\_\_. *Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão.* 1. ed. Chapecó - SC: Editora Argos, 2008.

\_\_\_\_\_. *Teoria Crítica da Indústria Cultural.* 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. *Adorno/Horkheimer & a Dialética do Esclarecimento.* 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

\_\_\_\_\_. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano.* 1ª ed. UFMG, 1997.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.* Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *Dialektik der Aufklärung: philosophische Fragmente.* Amsterdam: Querido Verlag, 1947.